

GUIA MENSAL INVESTIMENTOS

FEVEREIRO 2025

EDIÇÃO ESPECIAL!

Efeito Donald Trump

ÍNDICE

03	Apresentação	14	Alternativos Fundos Imobiliários
04	Análise de Performance jan-25	15	Alternativos Câmbio e ouro
06	Edição Especial: Efeito Donald Trump	16	Régua de Tolerância a Risco
09	DI e Renda Fixa Pré	17	Carteira Modelo Conservador
10	Inflação e Crédito Privado	18	Carteira Modelo Moderado
11	Multimercado	19	Carteira Modelo Balanceado
12	Renda Variável Brasil	20	Carteira Modelo Arrojado
13	Renda Variável Internacional	21	Carteira Modelo Agressivo
		22	Glossário

APRESENTAÇÃO

O Guia Mensal de Investimentos é um material informativo, e busca apoiar nossos clientes na tomada de decisões estratégicas sobre os investimentos. Neste guia, apresentaremos o cenário macroeconômico, as perspectivas por classe de ativos, juntamente com recomendações de investimentos personalizadas, de acordo com o perfil de cada investidor, por meio das nossas "Carteiras Modelo".

Para determinar seu perfil de investidor, convidamos você a preencher o formulário "Análise de Perfil de Investidor - API". Esse processo nos permitirá identificar se você se enquadra nas categorias Conservador, Moderado, Balanceado, Arrojado ou Agressivo, conforme a política do Banco Santander.

Você pode preencher a API diretamente pelo aplicativo Santander ou pelo Internet Banking. Veja como proceder:

- App Santander: Investimentos » Perfil e Cadastro Corretora.
- Internet Banking: Investimentos e Poupança » Análise de Perfil do Investidor » Cadastrar/Alterar.

CARTEIRA MODELO

Nosso principal objetivo é selecionar investimentos que se complementem, buscando maximizar os ganhos de sua carteira, respeitando os limites de risco tolerados por seu perfil. Buscamos sempre o equilíbrio entre risco e retorno na carteira recomendada para o mês.

A seleção dos produtos que compõem nossas Carteiras Modelo é realizada mensalmente por um grupo de especialistas do Banco Santander e Corretora Santander. Esta equipe combina análises qualitativas e quantitativas para avaliar a qualidade da gestão dos investimentos e a relação entre os ativos e os indicadores de mercado, levando em consideração as projeções macroeconômicas elaboradas por nossos economistas. A Carteira Modelo resultante dessas análises é submetida a um comitê multidisciplinar, que valida as recomendações.

ANÁLISE DE PERFORMANCE jan-25

No exterior, os primeiros decretos da nova gestão presidencial nos EUA geraram volatilidade para os ativos financeiros, ainda que algumas medidas tenham sido consideradas mais amenas do que o inicialmente esperado, e foi divulgada a decisão para a taxa de juros americana. Por aqui, o foco permaneceu na agenda fiscal, nos desafios de convergência da meta de inflação e na decisão sobre a taxa de juros do país. Como resultado, o balanço do mês foi positivo, com desvalorização do dólar, alta das bolsas nos EUA e no Brasil e ligeira queda da taxa de juros futura.

As projeções de inflação seguem sendo revistas para cima, o que influenciou as expectativas para a taxa Selic, e na reunião do Copom, o novo colegiado cumpriu com a sinalização feita anteriormente e subiu a taxa Selic em 1 ponto percentual, para 13,25%. Isso significa retornos mais elevados para a Renda Fixa pós fixada, tornando-a mais atrativa. Nas nossas recomendações, a Classe DI estava entre os destaques, com um peso ligeiramente maior, o que trouxe resultados positivos para as carteiras.

Nos últimos dias do mês, as taxas da curva de juros aqui no Brasil, apresentaram uma ligeira queda, que pode ser explicada pela divulgação de déficit do governo, menor do que o esperado, números mais fracos do mercado de trabalho e pela leitura do mercado sobre o comunicado do Banco Central referente às expectativas para a taxa de juros, de sinais de que ela pode não caminhar para um nível tão elevado. Com isso, as classes Renda Fixa Pré e Inflação foram beneficiadas. Nas nossas recomendações, não tínhamos alterado o peso das classes, prevendo uma alocação equilibrada, o que contribuiu positivamente no resultado das Carteiras Modelo.

Na Renda Variável local, a soma dos movimentos acima gerou um efeito positivo para o Ibovespa. Ainda que o peso da classe nas nossas recomendações estava ligeiramente menor, foi possível capturar esse movimento positivo. Vale reforçar que as incertezas quanto à trajetória de inflação, taxa de juros e fiscal ainda podem gerar oscilações para esta classe, principalmente no curto prazo. Sendo assim, no momento, as indicações seguem para a estratégia de dividendos, uma seleção de empresas mais consolidadas e potencialmente menos voláteis neste cenário, ajudando a reduzir as oscilações das carteiras, além de serem consideradas boas pagadoras de dividendos.

ANÁLISE DE PERFORMANCE jan-25

Por fim, o S&P 500, um dos índices de ações dos EUA , também teve um desempenho positivo no mês, em partes por algumas medidas aprovadas pela nova presidência, gerando, por exemplo, algum otimismo com desregulamentações, além da decisão de manutenção dos juros pelo Banco Central americano, que foi em linha com as expectativas do mercado. A classe de Ativos Internacionais, ou Renda Variável Internacional, estava entre os destaques nas nossas alocações e, portanto, gerou uma contribuição positiva na performance das carteiras recomendadas.

Olhando para frente, o cenário segue desafiador, mas enxergamos boas oportunidades para diversificação, com estratégias bem estruturadas, adequadas ao perfil do investidor.

Conservador
103% CDI

Moderado
133% CDI

Balanceado
123% CDI

Arrojado
127% CDI

Agressivo
125% CDI

Rentabilidade das Carteiras Modelo no mês de janeiro – data base: 31/01/2025:

Fonte: Quantum Axis e Santander Investimentos

Edição Especial: Efeito Donald Trump

O mês de janeiro foi marcado pela posse de Donald Trump para seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos, reacendendo discussões sobre algumas de suas principais promessas de campanha. O mercado esteve atento a três eixos centrais: tarifas, imigração e energia.

No campo comercial, Trump havia sinalizado medidas agressivas, prometendo tarifas de 10% sobre importações globais, 60% para produtos chineses e 25% para bens vindos do México e do Canadá. No entanto, em seu discurso de posse, o presidente adotou um tom mais moderado, limitando-se a dizer que usaria tarifas como ferramenta de arrecadação. Posteriormente, um documento oficial da Casa Branca trouxe mais clareza à estratégia do governo, revelando que, ao menos por ora, a taxa sobre a China não será implementada—mas México e Canadá seguem no radar. O tom mais incerto e menos agressivo foi suficiente para aliviar parte da preocupação do mercado.

Na questão migratória, Trump manteve a rigidez prometida na campanha. Assinou decretos que endurecem as políticas imigratórias do país, incluindo a declaração de emergência na fronteira sul—classificando o fluxo de imigrantes como uma “invasão” para justificar o uso militar no controle migratório. Outras medidas incluem a retomada da construção do muro com o México, a suspensão do Programa de Admissão de Refugiados e a revisão do princípio da cidadania automática por nascimento.

Já no setor de energia, o presidente decretou emergência energética nacional para impulsionar a produção de combustíveis fósseis e reduzir a dependência de fontes renováveis. Além disso, retirou os EUA do Acordo de Paris, argumentando que o país não prejudicará sua indústria enquanto outras nações continuam poluindo sem restrições.

O impacto desse cenário global refletiu diretamente no câmbio. A postura menos rígida de Trump em relação às tarifas contribuiu para um enfraquecimento do dólar globalmente, beneficiando moedas emergentes—incluindo o real, que figura entre as de melhor desempenho no ano.

Fonte: [Departamento Macroeconômico Santander Brasil](#)

Edição Especial: Efeito Donald Trump

No front monetário, o Federal Reserve (Fed), manteve a taxa de juros inalterada em 4,5% ao ano (limite superior) após três cortes consecutivos. O comunicado reforçou a dependência de dados e destacou a solidez do mercado de trabalho, com a taxa de desemprego estabilizada e a inflação ainda elevada. Apesar do tom mais hawkish, ou seja, mais focado no combate a inflação, do comunicado, a fala de Jerome Powell foi mais branda, minimizando as mudanças no texto. O mercado, por sua vez, reagiu de forma contida, ainda precificando dois cortes de 25 pontos-base na curva de juros para 2025. Mantemos nosso cenário de três cortes intercalados a partir de março, embora vejamos riscos para um ciclo mais curto.

No Brasil, o Copom realizou sua primeira reunião do ano e elevou a Selic para 13,25%. O comunicado veio um pouco mais dovish do que o esperado, incluindo no balanço de riscos a possibilidade de uma atividade econômica mais fraca, choques adversos no comércio internacional e o agravamento das condições financeiras globais. Mesmo com a inflação ancorada em 4,0% no horizonte relevante, o Banco Central optou por manter flexibilidade em sua orientação, reforçando a expectativa de um novo aumento de 100 bps em março. Por ora, mantemos nossa projeção da Selic com pico em 15,50%, a ser alcançada na decisão de junho, mas terminando 2025 em 14,50%.

Nas próximas páginas, iremos explorar as nossas expectativas para cada classe de ativo.

Fonte: [Departamento Macroeconômico Santander Brasil](#).

CENÁRIO ECONÔMICO

INDICADORES

PERÍODO	CDI	IMA-B 5	IRF-M	IBOV
Janeiro	1.01%	1,88%	2,58%	4,86%
2025	1.01%	1,88%	2,58%	4,86%
12 Meses	10,89%	7,54%	4,27%	-1,92%

Fonte: Quantum Axis – Data base: 04/02/2025

PROJEÇÕES

PERÍODO	SELIC	IPCA	PIB	DÓLAR
2025	14,50%	6,0%	1,8%	R\$ 6,00
2026	12,00%	4,2%	1,5%	R\$ 6,10

Fonte: Departamento Econômico Banco Santander – Data Base: 31/01/2025

DI (TAXA DE JUROS)

Investimentos pós-fixados atrelados ao CDI acompanham a variação da taxa básica de juros (Selic), oferecendo liquidez diária e segurança. O ciclo de alta da Selic mantém o ritmo de 1 ponto percentual (100 bps) após o último aumento em janeiro, fortalecendo as perspectivas de rentabilidade dessa classe. Atualmente, a taxa está em 13,25%, e o departamento econômico projeta uma Selic terminal de 14,50% até o fim do ano.

Como classe de menor risco, esses ativos são essenciais para o equilíbrio do portfólio, especialmente em cenários de incerteza econômica. Além disso, desempenham um papel fundamental na composição da reserva de emergência, garantindo proteção e liquidez em momentos imprevistos.

RENDA FIXA PRÉ

O receio sobre as tarifas prometidas pelo novo presidente americano foi parcialmente dissipado neste início de ano. Até o momento, as alíquotas estão abaixo do que foi anunciado durante a campanha, e algumas ainda não foram implementadas. Paralelamente, o Banco Central segue reafirmando seu compromisso com um ritmo de elevação dos juros na casa de 1 ponto percentual, reduzindo o prêmio na parte curta da curva.

Mantemos uma visão neutra para a classe no curto prazo, com oportunidades pontuais dependendo de uma gestão estratégica alinhada a objetivos de longo prazo. Investidores que carregam esses papéis até o vencimento garantem a rentabilidade contratada, enquanto aqueles que resgatam antes podem enfrentar perdas devido à volatilidade do mercado.

Fonte: Santander Investimentos, Bloomberg, Banco Central do Brasil e Tesouro Direto.

INFLAÇÃO

O cenário inflacionário segue pressionado, reforçando a necessidade de continuidade na elevação da Selic pelo Banco Central do Brasil. O Relatório Focus mostra revisões constantes para cima nas projeções de inflação, ainda distantes do centro da meta de inflação que é 3,00%.

Nesse contexto, os investimentos indexados à inflação, como os títulos IPCA+, ganham relevância. Esses ativos oferecem retorno híbrido – uma parte fixa (taxa real) e outra indexada ao IPCA –, protegendo o patrimônio contra a alta da inflação. No entanto, a volatilidade segue como um fator de atenção, especialmente em um ambiente de incerteza econômica e política. Quanto maior o prazo de vencimento do título, maior será sua sensibilidade às flutuações de mercado.

CRÉDITO PRIVADO

A incerteza fiscal segue impactando o cenário doméstico, refletindo-se em prêmios de risco elevados nos juros futuros (DI) e nos títulos indexados à inflação, que atingem novas máximas. Com a última elevação de 1 ponto percentual na Selic, o Banco Central já sinaliza um novo aumento de mesma magnitude.

No mercado de ativos crédito privado, os spreads já se encontram bastante reduzidos, em alguns casos até negativos, dependendo do ativo. Ainda assim, o ambiente de juros elevados abre oportunidades atrativas em papéis atrelados à inflação ou prefixados. Títulos com bons ratings, ou seja, de boa qualidade creditícia oferecem remuneração real em patamares acima da média dos últimos anos, comparáveis apenas a momentos de grande estresse no mercado, sugerindo um cenário assimétrico para valorização adicional.

Diante disso, mantemos uma postura mais seletiva na escolha de ativos, priorizando produtos de elevada qualidade e forte capacidade de pagamento.

Fonte: Santander Investimentos, Banco Central do Brasil e Tesouro Direto.

FUNDOS MULTIMERCADO

O ano começou desafiador para a classe, com dificuldades de rentabilidade. No entanto, à medida que o cenário econômico se torna mais claro, os retornos têm mostrado sinais de melhora. A flexibilidade dos fundos multimercado permite ajustes rápidos às mudanças do ambiente econômico, otimizando a relação risco-retorno.

Mantemos uma **visão neutra**, mas reconhecemos o potencial estratégico dessa classe, especialmente em fundos que têm demonstrado um desempenho consistente, como os que compõem nossa carteira.

Fonte: Santander Investimentos

RENDA VARIÁVEL

BRASIL

- Nos últimos meses, o Ibovespa apresentou uma pressão negativa significativa devido às discussões fiscais e as incertezas sobre a sustentabilidade da evolução da dívida pública. Esse cenário resultou na reprecificação de ativos de Renda Fixa e Variável em geral, além da forte oscilação cambial.
- Porém, no mês de janeiro, o Ibovespa apresentou um movimento ascendente dos preços. Um dos destaques foi o setor financeiro, impulsionado pelas ações do Banco do Brasil (BBAS3) em decorrência da melhora das perspectivas para a carteira de crédito com exposição ao agronegócio. Na ponta oposta, empresas de proteína animal como BRF (BRFS3), Minerva (BEEF3), Marfrig (MRFG3) e JBS (JBSS3) figuraram entre as maiores quedas do mês, após casos de gripe aviária nos EUA.
- Contudo, ainda é cedo para falar de uma retomada de uma tendência altista de longo prazo para a Bolsa, considerando que várias incertezas internas ainda persistem. Além disso, a falta de um fluxo mais comprador significativo - tanto doméstico quanto internacional - que possa sustentar a elevação dos preços. De toda forma, percebemos a existência de várias empresas que apresentam resultados sólidos e, atualmente, se encontram significativamente descontadas. Quando olhamos para os múltiplos do Ibovespa, percebemos que o preço/lucro se encontra negociando a 6,9x para os próximos 12 meses, abaixo da média histórica (aproximadamente 10,8x).
- Para o próximo mês, o mercado seguirá atento à temporada de balanços referente ao 4º trimestre de 2024. Além disso, sinalizações a respeito da condução das políticas monetária e fiscal também podem ditar o comportamento da Bolsa. Também chama atenção o início do governo Trump nos EUA e as medidas que serão colocadas em prática, com destaque para tarifas e sanções comerciais.
- Outro fator de possível impacto nas empresas brasileiras é a extensão do ciclo de altas da taxa Selic, que atualmente se encontra no patamar de 13,25% a.a. A expectativa de novos aumentos nos juros pode causar efeitos deletérios nos resultados das companhias, especialmente nas mais alavancadas. Assim, reforçamos a necessidade de uma carteira equilibrada com empresas de vantagens competitivas sólidas, margens elevadas e estrutura de capital saudável.

Fonte: [Santander Toro](#) e Bloomberg

RENDA VARIÁVEL

INTERNACIONAL

- No mercado internacional, nossa predileção continua sendo pela economia norte-americana. Além do forte crescimento econômico, mesmo em um cenário de políticas monetárias contracionistas, algumas empresas continuaram a se destacar. Este é o caso das intituladas *magnificent seven*, que representam as maiores empresas dos Estados Unidos em termos de capitalização de mercado e que têm um maior apelo tecnológico, se posicionando na vanguarda do desenvolvimento da inteligência artificial, por exemplo.
- Apesar disso, ao longo de janeiro, o lançamento do *DeepSeek*, (ferramenta de inteligência artificial chinesa), levantou dúvidas em relação aos seus principais concorrentes e outras empresas atreladas ao segmento. O número de downloads pelos usuários foi expressivo e, principalmente, os custos de desenvolvimento foram substancialmente baixos em termos relativos.
- Por lá, a temporada de balanços referente ao 4º trimestre de 2024 já começou. Os resultados, na média, estão superando as expectativas do mercado, reforçando a tese de uma economia que deve se manter aquecida, sobretudo com o retorno de Donald Trump à presidência e as políticas de cortes em tributos que devem ser implementadas. O destaque vai para o setor bancário, que apresentou bons números, com diversas empresas apresentando massivos crescimentos dos lucros por razões diversas.
- A condução da política monetária por parte do Banco Central americano estará no radar dos investidores. Na primeira reunião do FOMC de 2025, a autarquia optou por manter a taxa de juros estável, sinalizando uma pausa no ciclo de flexibilização monetária nos EUA. As expectativas dos agentes econômicos precificam que novos cortes de juros devem acontecer ao longo de 2025, o que pode ainda favorecer os ativos de risco norte-americanos, que figuram entre nossas predileções para o ano.
- Portanto, vemos que as Bolsas norte-americanas, apesar do forte crescimento apresentado ao longo dos últimos anos, ainda têm espaço para continuar avançando, justificando nosso posicionamento mais otimista nesta classe. Porém, a diversificação é crucial e ajudará o investidor a mitigar os riscos da exposição internacional. Várias das empresas dos EUA negociam, atualmente, a múltiplos elevados em razão das fortes expectativas de crescimento, fazendo com que uma correta seleção dos ativos tenha ainda mais relevância.

Fonte: [Santander Toro](#) e Bloomberg

ALTERNATIVOS

FUNDOS IMOBILIÁRIOS

- O mercado de Fundos Imobiliários deve seguir sendo influenciado negativamente pelo ambiente desafiador no Brasil. Com a taxa Selic em patamar elevado, e com a perspectiva de mais altas ao longo de 2025, o IFIX seguirá pressionado.
- O IFIX apresentou queda relevante em janeiro, repercutindo também o veto presidencial que removeu a isenção de imposto dada aos FIs e Fiagros em relação ao novo IVA, com a Reforma Tributária. Falta visibilidade acerca desse tema, que deve se desenrolar ao longo dos próximos meses. O Ministério da Fazenda se pronunciou sinalizando que não tem a intenção de tributar os FIs e que mudanças devem ser feitas no texto. É importante reforçar que a medida não traria impacto imediato aos FIs e que não se trata de uma tributação de dividendos.
- Diante do atual panorama, continuamos preferindo FIs de recebíveis, que podem se beneficiar do cenário de taxa de juros mais alta. Os FIs que investem em ativos atrelados ao CDI devem apresentar carregos interessantes ao longo do ano e os que focam em ativos atrelados ao IPCA, se mostram boas opções de investimento para quem busca proteção contra a elevação da inflação.
- Em Fundos de Tijolo, entendemos que há grandes descontos, tanto ao valor patrimonial quanto ao valor de reposição e ao valor de transações no mercado, que podem representar boas oportunidades para o longo prazo. Em função da ausência de gatilhos positivos de curto prazo, nossa preferência fica para FIs com portfólios de imóveis com perfil de qualidade e localização mais “premium”, que se mostram mais resilientes em períodos de adversidade.
- Destacamos também oportunidade em Fundos de Fundos, que operam com descontos relevantes ao valor patrimonial no mercado secundário. Essa categoria pode ser uma boa opção a depender do seu perfil de investidor considerando a diversificação e a possibilidade de aproveitar o “desconto duplo” em suas cotas (desconto para um valor patrimonial já descontado).

Fonte: [Santander Toro](#) e Bloomberg

ALTERNATIVOS

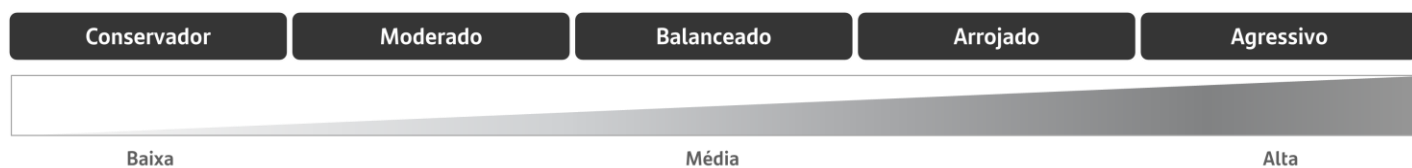
CÂMBIO E OURO

- Em relação ao câmbio, nos últimos meses, o dólar ganhou bastante força em relação às outras divisas internacionais, sobretudo após a eleição presidencial norte-americana. Aqui no Brasil não foi diferente, levando a moeda norte-americana a negociar acima de R\$6,00. Além dos fatores externos, as preocupações fiscais também corroboraram para a depreciação cambial. Em janeiro, o dólar corrigiu parte do movimento e perdeu força em relação a várias moedas, com exceção da libra esterlina. Contudo, um cenário de juros mais elevados por mais tempo nos EUA pode fazer com que a moeda norte-americana permaneça valorizada em relação às outras divisas.
- Seguimos construtivos com a tese de investimento em ouro e, diante da possibilidade de novos cortes de juros nos EUA, esperamos um fluxo positivo para a commodity. Historicamente, em momentos de quedas das taxas por lá, o ouro apresentou boa performance. O ouro também é considerado resiliente em momentos de adversidade e é conhecido como reserva de valor, sendo altamente demandado pelos Bancos Centrais mais recentemente.

Fonte: [Santander Toro](#) e Bloomberg

RÉGUA DE TOLERÂNCIA A RISCO

Após a identificação do perfil, é possível avaliar a alocação de investimentos de risco mais adequada ao portfólio do investidor. Alguns investidores são mais conservadores, portanto, não possuem apetite ao risco e preferem produtos com menor volatilidade. Por outro lado há investidores mais agressivos, que aceitam correr maiores riscos, expondo-se a maiores volatilidades a fim de buscarem maiores retornos. O que tem em comum entre todos os perfis é a diversificação: independentemente do apetite ao risco é importante diversificar os investimentos a fim de mitigar risco e buscar maiores retornos.

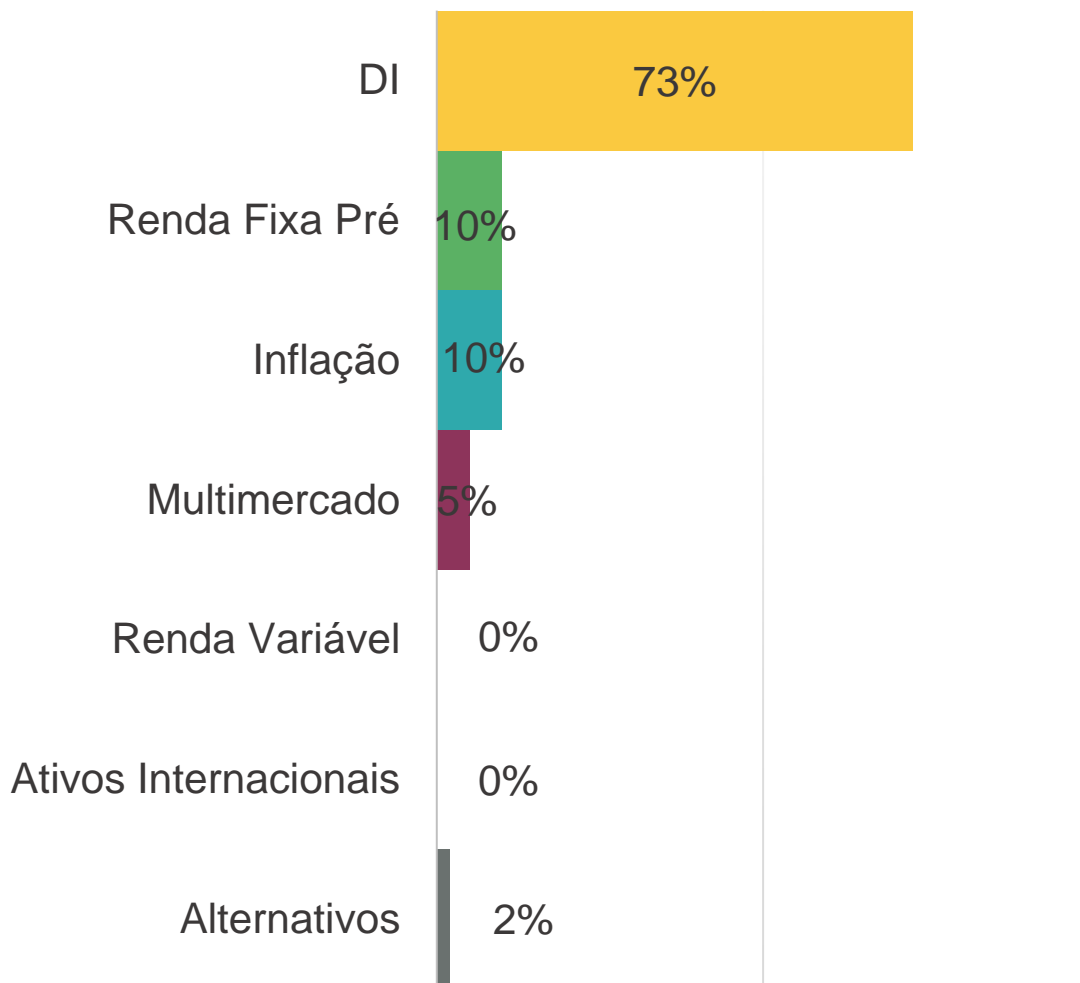


Fonte: Santander Investimentos

CARTEIRA MODELO

CONSERVADOR

Para quem quer proteger o dinheiro investido e tem baixa tolerância a riscos..

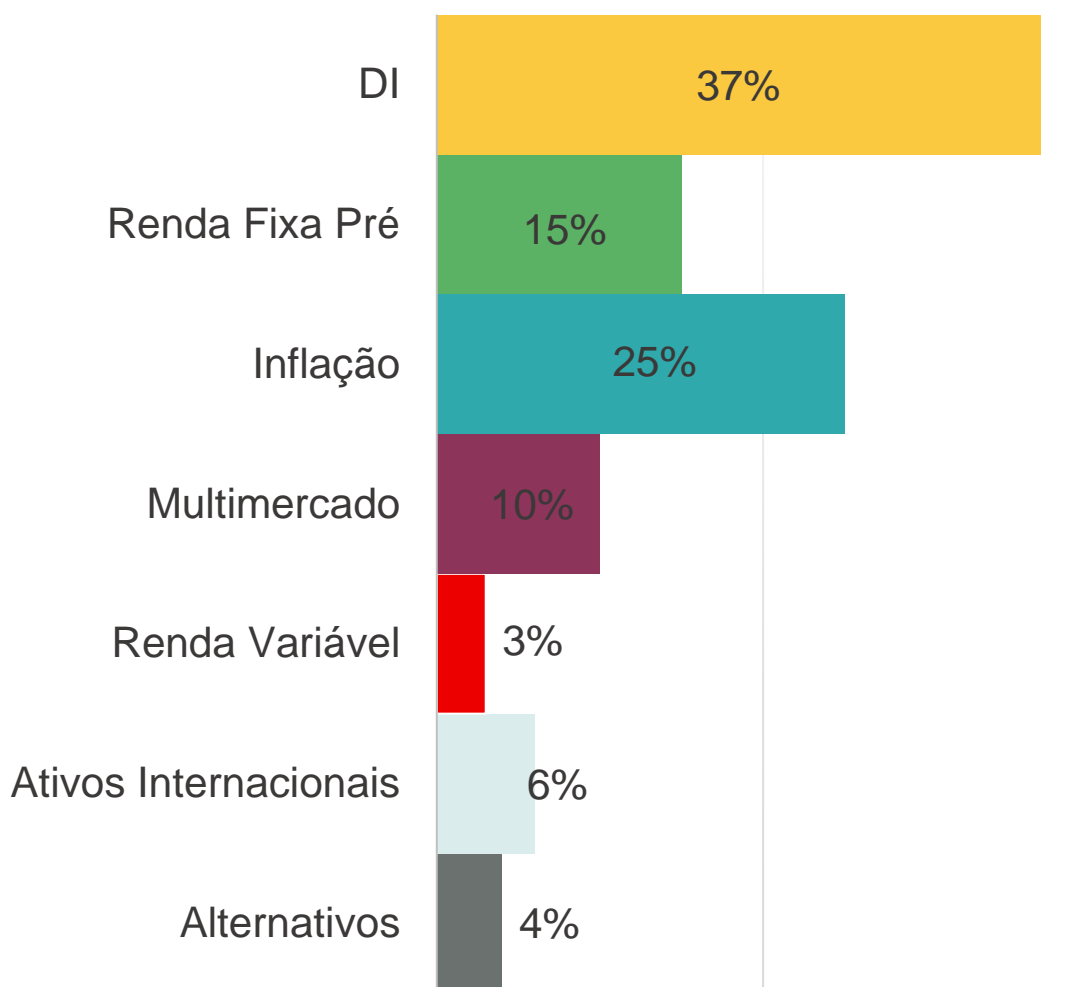


Fonte: Santander Investimentos

CARTEIRA MODELO

MODERADO

Para quem está disposto a correr riscos de eventuais perdas, buscando maior retorno no médio prazo.

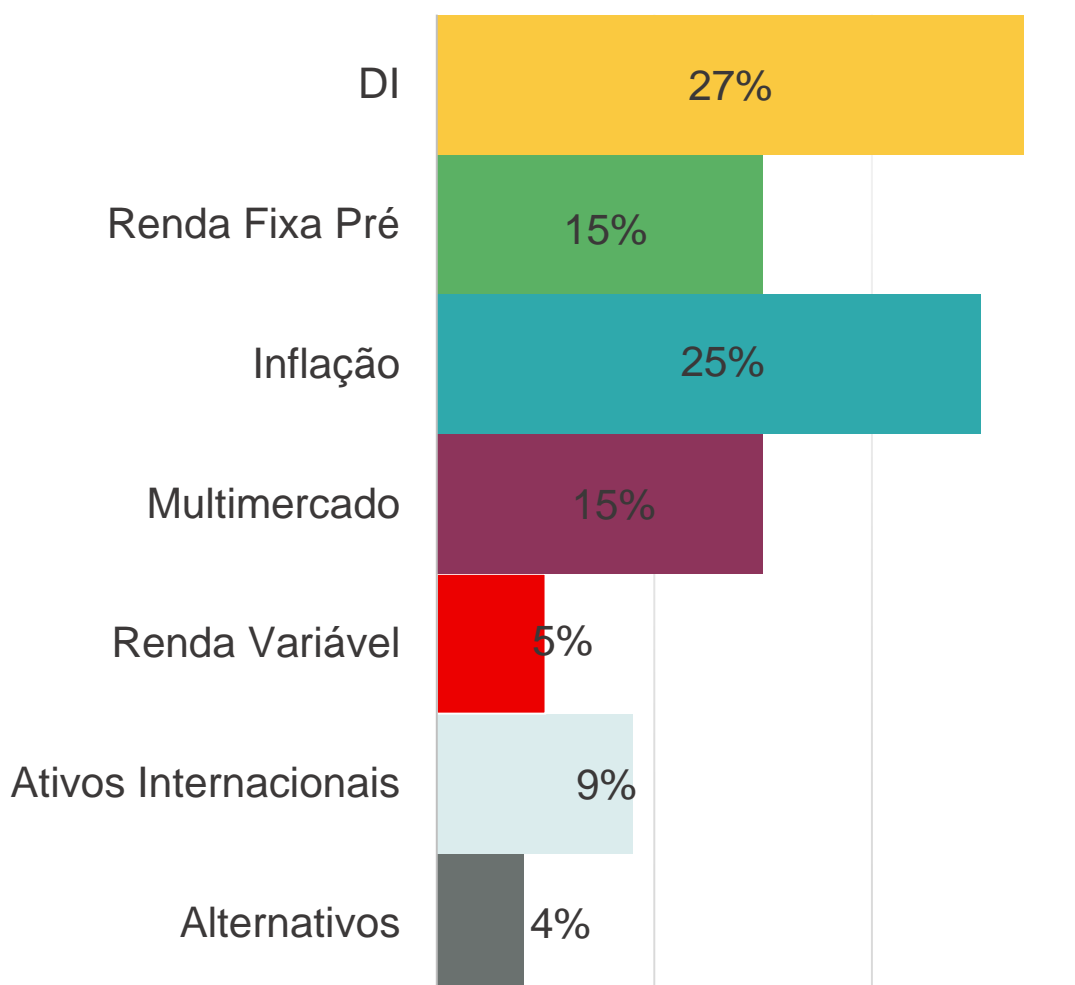


Fonte: Santander Investimentos

CARTEIRA MODELO

BALANCEADO

Para quem procura investir parte do dinheiro em investimentos de maior risco, aceitando eventuais perdas, na busca de retornos atrativos.

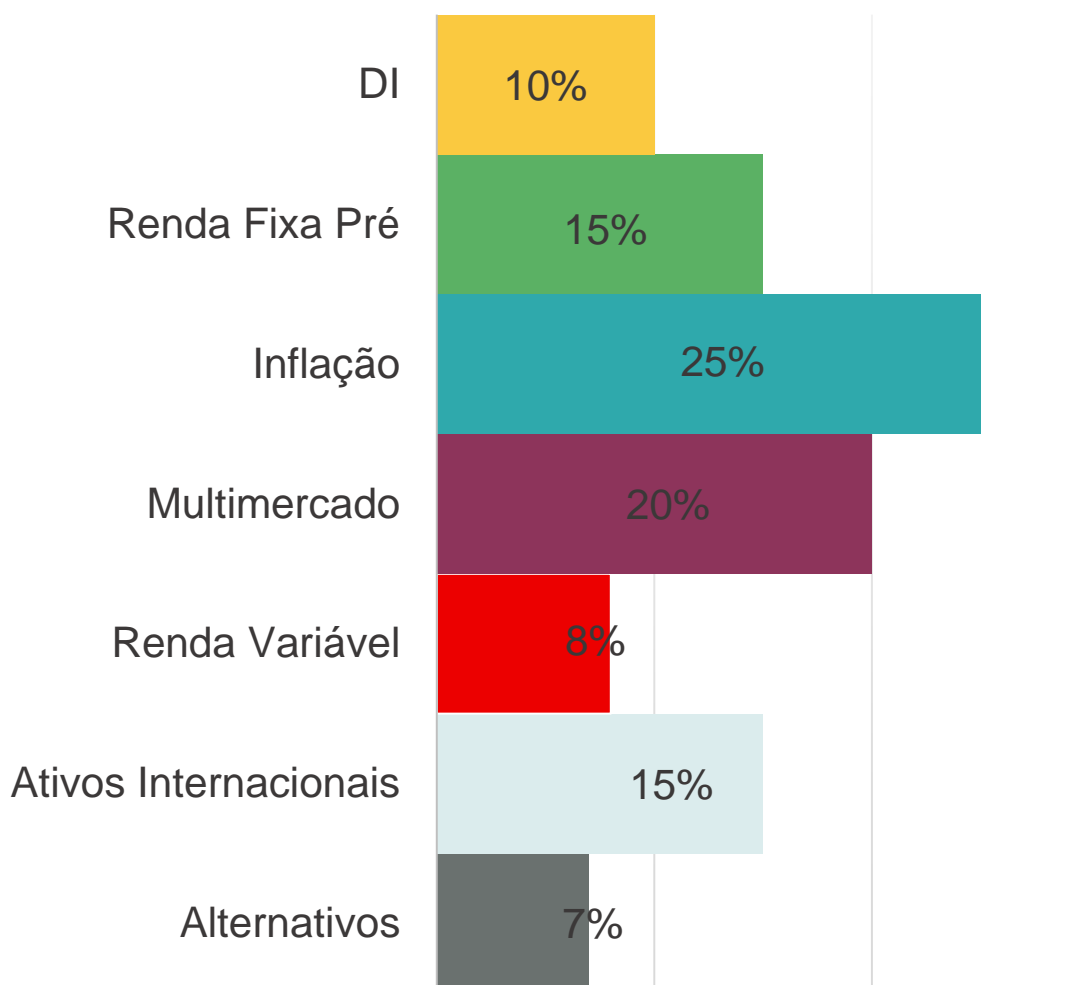


Fonte: Santander Investimentos

CARTEIRA MODELO

ARROJADO

Para quem aceita as oscilações de mercado e está disposto a correr riscos mais elevados, buscando retornos maiores no longo prazo.

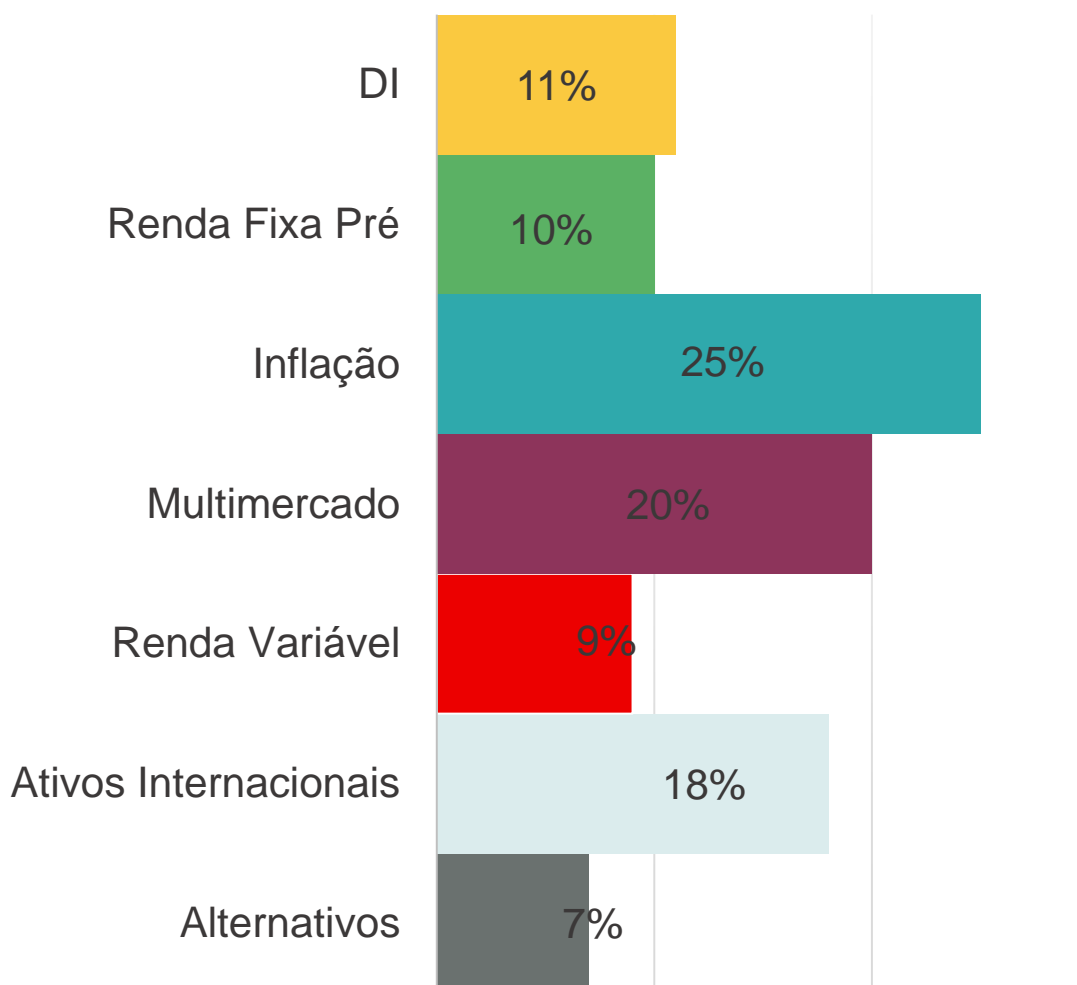


Fonte: Santander Investimentos

CARTEIRA MODELO

AGRESSIVO

Para quem entende as oscilações do mercado, aceita uma alta exposição em investimentos de maior risco e foca em rentabilidades expressivas no longo prazo.



Fonte: Santander Investimentos

GLOSSÁRIO

ASSET ALLOCATION

Alocação de recursos. Estratégia de distribuição dos investimentos em diferentes classes de ativos, com o objetivo de diversificar e equilibrar o risco e o retorno da carteira de investimentos.

COPOM

Comitê de Política Monetária - Órgão responsável por definir a taxa básica de juros (Selic) no Brasil.

FED

Federal Reserve - Banco central dos Estados Unidos, responsável por formular e implementar a política monetária do país.

BCB

Banco Central do Brasil - Instituição responsável por regular e controlar o sistema financeiro e a política monetária do Brasil.

TAXA SELIC

Taxa básica de juros da economia brasileira, definida pelo BCB e utilizada como referência para diversos investimentos.

TAXA DI

Taxa de juros utilizada como referência para remunerar empréstimos entre os bancos.

IPCA

Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - Indicador que mede a variação média dos preços de bens e serviços comercializados no varejo no Brasil.

TÍTULOS PÚBLICOS

os títulos públicos são títulos de dívida emitidos pelo Governo Federal. Isso acontece por meio do Tesouro Direto. Os principais são: Tesouro Selic; Tesouro Prefixado; e Tesouro IPCA+.

IBOVESPA

É o principal índice da bolsa de valores brasileira composto pelas ações mais negociadas e representativas do mercado financeiro local.

PONTOS-BASE (BPS)

Um ponto-base é igual a 0,01%.

PERFIL DO INVESTIDOR

Adequação de cada investidor a um dos 5 perfis de risco que temos. Ele é definido após responder ao questionário chamado de: "questionário de Suitability".

SUITABILITY

Processo de análise do perfil de adequação do investidor a determinado produto de investimento.

IMA - B

Índice de Mercado Anbima - índice de títulos públicos, é um indicador que acompanha a variação dos títulos públicos indexados à inflação.

IRF-M

Índice de Renda Fixa do Mercado - Indicador que mede a variação média dos preços dos títulos públicos prefixados.

IFIX

Índice de Fundos de Investimentos Imobiliários - Indicador do desempenho médio dos fundos imobiliários negociados em bolsa.

S&P500

Índice de ações que representa as 500 maiores empresas negociadas nas bolsas de valores dos Estados Unidos.

VOLATILIDADE

Grau de variação dos preços de um ativo em um período de tempo, observado como indicador do risco do ativo.

DXY

O US Dollar Index, é um índice que pondera o valor do dólar americano em relação a uma cesta de 6 moedas estrangeiras importantes para identificar a força do dólar americano.

TREASURY

Títulos públicos de dívida do governo dos Estados Unidos, considerado investimento de mais baixo risco.

FED FUNDS

Taxa básica de juros da economia americana, definida pelo FED e tem como objetivo influenciar as condições financeiras e econômicas dos Estados Unidos.

SOFT LANDING

Um pouso suave no ciclo econômico é o processo de uma economia mudando do crescimento para o crescimento lento evitando uma recessão

HARD LANDING

Um pouso forçado na economia, é o movimento de brusca desaceleração econômica de um país, após um período de rápido e intenso crescimento, conhecido como recessão.

HAWKISH

termo usado para descrever uma medida mais rigorosa de banqueiros centrais contra a inflação

DOVISH

termo usado para descrever uma medida mais branda de banqueiros centrais frente à inflação

Santander Sentiment Index (SSI)

O Santander Sentiment Index (SSI), é nosso índice proprietário que mede o nível do sentimento do investidor quanto aos investimentos.

EQUIPE

Este relatório foi desenvolvido pelas equipes de Análise Econômica do Santander Brasil, Santander Investimentos, e o time de Research da Santander Toro.

ANÁLISE ECONÔMICA

Ana Paula Vescovi
Italo de Paula Franca
Marco Antonio Jacob Caruso
Tomás Urani

SANTANDER INVESTIMENTOS

Arley Matos Da Silva Junior
Caio Ferreira Vizeu Viana
Caio Martins de Camargo
Ingredd Marques Vieira
Julia Cunha Tassini
Marcelo A. T. F. Stavale De Oliveira

RESEARCH TORO

Lucas Carvalho
Gabriel Costa
Gabriel Nicolsky
João Vítor Freitas
Lucas Serra

FICOU INTERESSADO?

Consulte em: www.santander.com.br/investimentos

Este é um material publicitário e de divulgação elaborado pelo Banco Santander Brasil S.A ("Banco Santander") de acordo com todas as exigências previstas na Resolução CVM 20/2021, tem como objetivo fornecer informações macroeconômicas e apresentar algumas soluções de investimento disponíveis, para o mercado brasileiro e de uso exclusivo para quem mora no Brasil. As informações contidas neste material são baseadas em simulações e foram consideradas razoáveis na data em que foi divulgado, os resultados reais poderão ser significativamente diferentes.

Os investimentos apresentados podem não ser adequados aos seus objetivos, situação financeira ou necessidades individuais. O preenchimento do formulário API - Análise de Perfil do Investidor é essencial para garantir a adequação do perfil do cliente ao produto de investimento escolhido. Leia previamente as condições de cada produto antes de investir. O Banco Santander não se responsabiliza por perdas diretas, indiretas ou ainda lucros cessantes decorrentes da utilização deste material. Toda decisão de investimento é de responsabilidade integral do cliente. Todo investimento nos mercados financeiro e de capitais apresenta riscos, razão pela qual aconselhamos que o investidor faça uma avaliação independente das operações aqui apresentadas, levando em consideração sua capacidade financeira e objetivos pessoais, principalmente no que tange aos riscos que possam decorrer destas operações, sem prejuízo de futura análise de adequação do produto ao perfil do cliente a ser efetuada previamente à decisão do investimento.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. Índices de referência das Classes de Ativos para o cálculo de rentabilidade das Carteiras Modelo: DI = CDI | Renda Fixa Pré = IRF-M | Inflação = IMA-B5 | Multimercado = IHFA | Renda Variável = Ibovespa | Ativos Internacionais = S&P 500 (em dólar e em reais) | Alternativos = IFIX.

Leia o formulário de informações complementares, a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes de investir. Leia previamente as condições de cada produto antes de investir.

Este material é destinado à circulação exclusiva para a rede de relacionamento do Banco Santander. Fica proibida a sua reprodução ou redistribuição para qualquer pessoa, no todo ou em parte, qualquer que seja o propósito, sem o prévio consentimento expresso do Santander. O Banco Santander não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo.

Para mais informações sobre os produtos apontados no Guia de Investimentos, acesse www.santander.com.br/investimentos, escolha a classe do produto e acesse seu material técnico



